

a capa perde-se na base de coloração verde mosqueada. Mas este desaviso estético não chega para macular o grande mérito que os coodenadores do volume têm na selecção dos textos apresentados, que são uma boa e cativante fonte de aprendizagem sobre a região eufratiana aqui analisada e são ainda um exemplo de como a prospecção arqueológica meticulosa e séria deve ser divulgada e colocada à disposição da comunidade científica em particular e dos estudantes e leitores em geral.

Luís Manuel de Araújo

FLORIAN EBELING, *The Secret History of Hermes Trimegistus: Hermeticism from Ancient to Modern Times*, Ithaca, Londres: Cornell University Press, 2007, 158 pp., ISBN 978-0-8014-4546-0.

O Autor, professor da Universidade de Heidelberg, apresenta nesta obra uma síntese das representações associadas a Hermes Trimeguisto desde as suas origens, no ambiente helenista de Alexandria, até ao século XX e constitui um contributo notável para afirmar o estudo científico do hermetismo, uma área que tem sido efectivamente negligenciada e vista até com alguma desconfiança pelos meios académicos que deste modo têm deixado este importante filão de investigação a cargo de estudiosos «místicos» cuja metodologia e abordagem raramente se pauta pelo esforço de rigor e objectividade científico, resultando assim uma imagem frequentemente distorcida do fenómeno. O autor insere-se, portanto, numa linha de investigadores como Erik Hornung e Jan Assmann que, ao longo das últimas décadas, têm contribuído para afirmar a importância não só do estudo científico do hermetismo, mas também da tradição esotérica do Antigo Egipto, conduzindo a uma compreensão mais precisa da abrangente mundivisão egípcia. A documentar esta ligação àqueles autores, o prefácio do livro é redigido pelo próprio Jan Assmann que começa o seu texto desde logo por lembrar a importância do hermetismo na memória e na tradição cultural do Ocidente e por corrigir a ideia, infelizmente muito disseminada, por vezes até nos meios académicos, que as questões associadas ao hermetismo não passam de uma forma de misticismo obscurantista, lembrando correctamente que o hermetismo esteve sempre, desde a Idade Média, associado à fina flor da elite intelectual do Ocidente, contribuindo inclusivamente de modo

decisivo para muitos dos avanços científicos da Idade Moderna. Como egiptólogo, Jan Assmann sublinha no seu prefácio as raízes egípcias da representação de Hermes Trimeguisto e relembra o peso que, na tradição ocidental, desempenhou o seu vulto que, neste contexto, ombreou frequentemente com Platão e Moisés na qualidade de representantes de uma sabedoria ancestral anterior à revelação cristã mas nem por isso revelando uma forte afinidade com os ensinamentos de Jesus.

Na Introdução, o Autor começa desde logo por explanar algumas das suas pertinazes opções metodológicas. A escolha, em primeiro lugar, de estudar as representações associadas a Hermes Trimeguisto deveu-se à necessidade de melhor delimitar o campo de estudos associado ao hermetismo o qual se afigura de difícil delimitação conceptual em virtude das suas múltiplas ramificações. No capítulo I («Prehistory and early history of a phantasm») o Autor analisa as raízes egípcia e grega da figura mítica de Hermes Trimeguisto, começando por delimitar algumas das referências mitológicas associadas ao egípcio Tot e ao grego Hermes. Em seguida procede a uma actualizada identificação das fontes herméticas da Antiguidade que de modo directo ou indirecto chegaram até nós e a uma útil delimitação dos conteúdos teológicos subjacentes que se estende por vários tópicos ao longo do capítulo providenciando assim o essencial para compreender as ideias nucleares associadas ao hermetismo helenista. O Autor sublinha ainda que, embora a influência do helenismo seja evidente, sobretudo na formulação filosófica dos seus ensinamentos, é inegável a influência da tradição egípcia autóctone, corroborando a ideia avançada por Stricker, que via nos textos herméticos uma helenização da tradição faraónica operada pelos próprios sacerdotes egípcios.

No capítulo II («Christian theology and “antediluvian” magic»), o Autor começa por destacar a amplitude da circulação dos textos herméticos por entre os sábios medievais. Analisa, em particular, a influência do pensamento hermético em alguns dos grandes teólogos do cristianismo alexandrino, como Clemente de Alexandria e Lactâncio mostrando que, até Agostinho ter sintomaticamente «decretado» na sua *Cidade de Deus*, a incompatibilidade entre o cristianismo e o hermetismo, uma posição que, apesar de se ter tornado oficial na Igreja, não impediu que os escritos herméticos continuassem a ser lidos e citados em muitas obras de autores cristãos. Ainda neste capítulo o Autor aborda a magnitude que a representação de Trimeguisto

possuía no mundo muçulmano coevo, dando um especial destaque à *Tabula Smaradigna* e ao florescimento da vertente «aplicada» do hermetismo, a alquimia.

No capítulo III («Primeval wisdom for a new world») o Autor analisa as circunstâncias da «redescoberta» dos textos do *Corpus Hermeticum* e da sua divulgação em Florença a partir de 1460. A tradução e a impressão destes textos iriam desencadear um autêntico renascimento do hermetismo nos ambientes renascentistas e contribuir para afirmar, neste contexto, os valores de universalismo e de liberdade tão caros ao hermetismo. Mais importante ainda é a identificação pelo Autor de uma segunda corrente de inspiração hermética situada na Alemanha que, ao contrário do hermetismo italiano, não se centra nos textos do *Corpus Hermeticum*, mas sim na alquimia cuja inspiração se enraíza na *Tabula Smaradigna* divulgada pelos Árabes. Um especial destaque é dado à influência da *Ars Hermetica* em Paracelso e na difusão da alquimia como uma alternativa à metodologia empírica proposta por Aristóteles.

Depois de um florescimento sem precedentes e de ter conquistado uma reputação segura entre os sábios europeus do Renascimento, o prestígio dos ensinamentos herméticos sofrem um duro golpe com o advento do século XVII. No capítulo IV («High point and decline») o Autor apresenta precisamente as causas para o descrédito crescente do hermetismo. Primeiro o trabalho crítico do brilhante filólogo Isaac Casaubon que, em 1614, publica *De Rebus Sacris et Ecclesiasticis*, onde, baseando-se em critérios linguísticos, demonstra que a suposta antiguidade do *Corpus Hermeticum*, tido até aí como um repositório de uma tradição antediluviana, muito anterior a Jesus Cristo, era falsa. Era o início de um descrédito crescente do hermetismo filosófico, isto apesar de, na realidade, Casaubon ter contribuído indiscutivelmente para formular o debate em torno dos textos herméticos no plano científico. Na sua vertente aplicada, sobretudo à medicina, a alquimia germânica desenvolvida sobretudo por Paracelso não foi atingida pela crítica de Casaubon mas não tardia também a ser submetida à crítica. Em 1648 Hermann Conring publicava um livro onde questionava a validade dos princípios de Paracelso. O século XVII é, como refere o Autor, o *saeculum horribile* para o hermetismo. É neste período que as representações de «obscurantismo» e de «falta de racionalidade» foram coladas às correntes de inspiração hermética, tornando-se então num movimento «subterrâneo» que as ciências naturais evidentemente encaravam com desconfiança. Um tanto estranhamente, tal

não impediu que a alquimia desse um poderoso impulso à química emergente, nem que alguns reputados físicos, como Isaac Newton, tivessem continuado a revelar um profundo interesse pelos textos alquímicos.

Apesar de refutada pelos critérios científicos da ciência dominante, a alquimia continuou a gozar de um vivo interesse, continuando a suscitar, ao longo dos séculos XVIII e XIX, inúmeras publicações e reedições. No capítulo V («Between occultism and enlightenment»), o Autor evidencia o interesse suscitado pela alquimia no contexto da maçonaria e do movimento Rosa-cruz. Sobretudo a partir da segunda metade do século XVIII, com os escritos de Ignaz Edler von Born, uma suposta tradição «egípcia» tornou-se na matriz filosófica da maçonaria que até aí revia as suas origens apenas até aos cavaleiros templários e ao templo de Jerusalém.

Finalmente, no capítulo VI («Systems and esoterica»), o autor sublinha o papel do trabalho de autores como Julius evola, mas sobretudo de Umberto Eco e de Heinrich Rombach para a renovação do estudo filosófico do hermetismo. E se Eco deu um contributo notável para a correcta delimitação epistemológica do hermetismo no contexto da sua matriz helenista original, Rombach formulou toda uma singular formulação filosófica em torno do «fenómeno hermético».

No seu conjunto, o trabalho de Florian Ebeling constitui uma síntese notável da história das representações associadas a Hermes Trimegusto e que em grande medida estabelece as bases para o estudo científico do hermetismo, um estudo que, tendo em conta o lastro que deixou no pensamento ocidental, se afigura de um interesse inegável para a compreensão da cultura europeia.

Rogério Sousa

NATHALIE BAUM, *Le Temple d'Edfou: À la découverte du Grand Siège de Rê-Harakhty*, Monaco: Éditions du Rocher, 2007, 635 pp., ISBN 978-2-268-05795-8.

Neste volume, a Autora conduz o leitor ao coração do templo de Hórus de Edfu apresentando, ao longo dos oito capítulos do livro, cada uma das câmaras que rodeiam o santuário principal do deus. Trata-se da região mais sagrada do templo e a que mais envolva estava pelo carácter sacramental do rito e do mito que, na época em